

## o golpe militar de 1964

*pietro ferrua*

Em 30 de março de 1964 espalhava-se a notícia de que o presidente Goulart encontrou “Os Sargentos”, os quais haviam confirmado que defenderiam as instituições vigentes contra qualquer ataque. O boato, nessas alturas, soava duvidoso, uma vez que a aliança da oposição conservadora ameaçava a estabilidade do país. Os inimigos internos e externos tinham muito poder e podiam financiar e armar um golpe. Já controlavam a economia nacional, a quase totalidade da imprensa, as comunicações e o exército (por acordos militares secretos). As decisões eram tomadas em Washington. Melhor do que serem tomadas em Pequim ou em Havana? Os anarquistas brasileiros nunca foram atraídos pelas sereias marxistas. Com exceção da Federación Anarquista Uruguaya, o movimento internacional já havia rejeitado Fidel e Mao (perseguidores de nossos companheiros nos respectivos países).

*Pietro Ferrua é professor emérito no Lewis & Clark College, Portland, Estados Unidos, e fundador do Centre Internationale de Recherche sur l'Anarchisme (CIRA.). Viveu no Brasil entre 1963 e 1969. Contato: ferrua@lclark.edu.*



## O golpe militar de 1964

Dia 31 de março era uma terça-feira, se não me engano. Quando saí de casa, o J. G. de Araújo Jorge estava falando na Rádio Ministério da Educação, se eu bem me lembro, de um escritório que ele tinha no Colégio Pedro II. Infelizmente ele não estava recitando poemas, porém proclamando notícias alarmantes sobre um golpe iminente.

\*

Desde que eu havia chegado ao Brasil (há pouco mais de um ano), discutia-se muito sobre possíveis complôs militares. As siglas políticas para um europeu recém chegado no Brasil confundiam muito. Os partidos ditos socialistas pouco ou nada tinham de socialista, os partidos comunistas eram abundantes, mas com pouco peso na realidade, e lutavam entre si (e continuarão fazendo-o mesmo na clandestinidade). Quanto ao governo, este era submetido a várias influências, às vezes contrastantes e algumas perigosas. Pouco antes do golpe, tive uma conversa bastante animada com Celso Lyra (que se fazia porta-voz da linha do governo e do PTB) no carro, ao voltar de uma viagem de fim de semana em Teresópolis, convidado pelo casal Santos Valle, velhos amigos de meus sogros. Todos ficaram decepcionados – eles queriam um aliado total e não um aliado crítico. Eu apenas criticava a figura do Getúlio Vargas, que não me parecia uma bandeira digna de admiração. Ele havia sido pró-fascista e pró-nazi e, se mudou depois, foi um arrependimento tardio e oportunista. Eu traçava um paralelo com o Perón, que destruiu o sindicalismo revolucionário e introduziu os pelegos no movimento operário argentino. O Celso, além de culto e inteligente, era muito boa praça, mas não tinha nenhuma noção da gloriosa história da Federación Obrera



Regional Argentina. Me tratou de aliado objetivo da burguesia, pois não entendia a posição anarquista segundo a qual não se poderiam adotar métodos autoritários para chegar à libertação dos povos: o poder aos soviets, sim, mas autônomos.

\*

Avisei a Diana que não sabia quando voltaria, mas que se o Araújo Jorge parasse de falar significaria que a situação estava perdida. Fui esperar o carro do meu sogro na esquina da Gustavo Sampaio (vindo da Avenida Atlântica), antes do túnel que levava à cidade. O trânsito estava leve e chegamos mais rápido que de costume na Avenida Rio Branco, perto da Praça Mauá, onde encontravam-se os escritórios da Emerson e da Teleservix, das quais Max Lobo Filho era presidente.

As notícias recolhidas pelos outros funcionários eram contraditórias. Meu sogro convocou uma reunião extraordinária na qual compareceram os outros diretores: Kraus, Schmidt, Papini, Latini, Zuckerman e talvez alguns outros cujos nomes me escapam. Não assisti à reunião, mas me entretive com o contínuo com o qual tinha travado amizade apesar dele guardar as distâncias chamando-me de “Doutor” e não de Pietro ou Pedro como eu tinha sugerido. “Não fica bem na frente dos outros”, dizia ele.

Wanderley da Silva era autodidata, mas escrevia bonitas poesias, desenhava, pintava e cantava também. Diana o tinha descoberto antes de mim e tinha me falado dele antes de eu o encontrar. Alguns meses antes eu tinha recebido uma carta da Suécia de meu companheiro e amigo Helmut Rüdiger, alemão antinazista que tinha obtido asilo naquele país escandinavo. Ele ia fazer uma série de



reportagens em vários países da América Latina e acabaria no Brasil. Seriam publicadas no *Arbetaren* semanal da *Svenska Arbetaren Organisatie* (SAC), que havia aparecido diariamente durante vários anos. Manifestava o desejo de visitar uma favela. Organizei sua acolhida: reunião com os companheiros, subida ao morro, alojamento. Aprovou meu projeto e decidiu renunciar a São Paulo e Brasília para permanecer apenas no Rio de Janeiro.

Para ele ficar mais à vontade (a minha família de quatro membros morava então em um pequeno apartamento mobiliado), reservei um quarto para ele no apartamento de minha prima Elze Duda, que dispunha de mais espaço. Sendo judia, ela tinha muito interesse em descobrir um opositor de Hitler entre os *goim*. Meu sogro também travou conhecimento com ele com muito deleite. No pouco tempo em que passou entre nós, Helmut tornou-se a coqueluche dos judeus de fala alemã. Quando foi embora, a prima Elze não quis cobrar o aluguel previamente estipulado. “Um homem tão cortês e idealista! Um verdadeiro ‘gentleman’ o seu amigo”.

Na favela São Carlos, em Estácio de Sá, o Wanderley havia sido votado como presidente da Associação de Favelados. Nunca soube se foi escolhido pelos seus talentos artísticos, organizativos, políticos ou outros ainda. Era muito inteligente, mas também modesto. Não falava nunca de si mesmo e virava qualquer conversa ao redor da personalidade do interlocutor.

Naquele dia o encontro tinha sido marcado aos pés do morro. Tínhamos combinado de chegar de taxi. Ele e mais dois amigos estavam nos esperando. Era difícil entender se se tratava de um comitê de honra ou proteção. Talvez



as duas coisas ao mesmo tempo. Não fizemos perguntas. Branco que sobe a favela é geralmente um policial. Ninguém nos amolou e os poucos que encontramos nos dispensaram grandes sorrisos. A vista de lá em cima era estupenda. Entramos na casa dele: modesta mas muito limpa. Uma batucada começou, e as letras, bem poéticas, eram da autoria do Wanderley. Até o tradicional cafezinho nos foi servido. A visita foi emocionalmente empolgante. Dois meses depois saiu o artigo com a fotografia do Wanderley.<sup>1</sup> Foi naturalmente publicado em sueco, mas o entrevistado gozou de ver a própria imagem reproduzida ao lado da letra com trechos de um poema que foi deixado em português. Tratava-se agora de encontrar um tradutor. Não foi possível. Mas foi assim que a minha própria vida mudou. Na lista telefônica constava uma tal de D. Sofia<sup>2</sup>, polonesa, que estava à frente de um grupo de tradutores, porém nenhum que soubesse sueco. Me aconselhou a telefonar para D. Edith van de Beuque. Outra grande chance que me deu a maior virada profissional na minha existência surgiu do contato que estabeleci com ela. Nem ela tinha, no grupo de intérpretes que dirigia, alguém que pudesse traduzir ou interpretar do sueco. Quis me explicar a diferença, mas eu já conhecia por ter sido aluno diplomado da *Ecole d'Interprètes* de Genebra. Não só, mas fazia parte do Comitê como representante pela América Latina. Combinamos uma entrevista com ela e colegas.<sup>3</sup> Os intérpretes brasileiros foram todos simpáticos e cordiais. Em poucos meses fui aprovado em um teste, e de tradutor italiano passei a ser intérprete simultâneo de francês. Deixei o emprego da Emerson, voltei ao ensino e pratiquei a profissão pelos mundos afora durante quase meio século.



## O golpe militar de 1964

Tive que mandar o artigo sobre o Wanderley para a Suécia, e meu grande amigo Elevoine Santi<sup>4</sup> o traduziu para o italiano. Quando chegou a versão datilografada, já havia acontecido tudo: o golpe militar, a mudança de casa, minhas novas atividades profissionais e a amargura de não poder compartilhar minhas alegrias com o Wanderley, de quem, até hoje, não consegui encontrar pistas<sup>5</sup>.

\*

Mas voltemos agora aos dias do golpe. De repente, quando lhe perguntei o que ele achava da situação, Wanderley me disse que na favela havia 10.000 homens armados à procura de um chefe que os dirigisse: queria que eu fosse esse chefe. Protestei não ter nenhum conhecimento militar, não acreditar em chefes, nem em violências, etc. Achava também que esses voluntários poderiam ser marginais ou aventureiros. Pensei que só teriam revólver e no que fazer com dez mil pistolas contra um exército bem treinado e com armas eficientes. Lembrei-me, porém, de Barcelona em 17 de julho de 1936, e a situação me pareceu análoga. Coloquei de lado minhas convicções gandhianas, afinal de contas, antes de me converter à não-violência eu tinha apoiado a Resistência na Itália e corrido graves riscos.

A pessoa que poderia avaliar a oportunidade de utilizar ou não o oferecimento do Wanderley seria o coronel Aragão. Resolvemos ir juntos ao quartel (situado no centro da cidade, perto da Catedral. Fomos a pé e não era muito longe do nosso escritório), mas não era permitido entrar no prédio. Tinha que mostrar documentos, responder perguntas. Falamos com vários militares, mas o coronel não estava. Pedimos que telefonassem ao Forte de Copacabana,



tampouco estava. E era verdade, soubemos depois que num momento tão delicado o coronel estava na redação do diário *O Globo* brigando com eles inutilmente. O melhor teria sido ele ocupar os pontos estratégicos controlando as comunicações como tinha feito, em Brasília, Darcy Ribeiro, ocupando a Televisão Nacional e proclamando a defesa necessária das instituições democráticas e da legalidade. Intentou fazer o mesmo na Assembleia Nacional, mas a oposição foi muito hábil e sabotou as linhas da energia elétrica e lhe cortou a palavra.

No dia seguinte a situação piorou. Alguém decretou uma greve geral dos transportes. Foi o maior erro imaginável. Apenas semanas antes, a abundância de lotações e sua gratuidade levou mais de cem mil pessoas a manifestar na Central do Brasil em favor da nacionalização do petróleo e da reforma agrária.

As poucas notícias que chegavam eram contraditórias. Brizola, então Governador do Estado de Rio Grande do Sul, queria lutar e resistir. Corria o boato que ele tinha mandado afundar alguns navios bem na entrada do acesso marítimo a Porto Alegre para impedir qualquer desembarque. Ele devia estar bem informado pois se soube, mais tarde, que os fuzileiros da Marinha Americana estavam de prontidão e que o governo dos Estados Unidos havia se comprometido a colaborar em virtude de acordos militares bilaterais e multilaterais (apenas alguns deles secretos, outros no âmbito da Aliança para o Progresso da Organização de Estados Americanos).

A situação estava perdida para o funcionamento das instituições. O governador Lacerda, bem como Adhemar de Barros e Magalhães Pinto, havia ganho a assistência



da maior parte dos generais do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), da Igreja, dos banqueiros, do Embaixador Lincoln Gordon. Toda a direita estava a favor de um golpe. O Miguel Arraes estava preso. O General Assís Brasil assumiu a responsabilidade de levar Jango para o Uruguai. O coronel Aragão foi irreparável e evitou um possível massacre. Que poderiam fazer 10.000 favelados armados de revólver? Quando falei da proposta do Wanderley com o Ideal, ele deu uma gargalhada quase que ofensiva. “Dez mil voluntários com facas enferrujadas e pistolas sem munições? Parecem elucubrações de alguém com muita imaginação. Um caso para o psicólogo Ferretti”. De fato, Wanderley nunca voltou para a Emerson e a esposa dele, na primeira segunda-feira após o golpe, mandou dizer que ele havia sido internado num asilo psiquiátrico. Ao ser verdade isso poderia disputar com a afirmação de que dispunha de 10.000 homens armados. Eu tendo prova da sua influência na comunidade do morro, nunca me ocorrera por isso em dúvida. A mulher dele poderia estar mentindo para protegê-lo. Não me dei por vencido ou convencido por causa da amizade que a ele me ligava. Não queria que ele se sentisse “traído” pelo coronel Aragão, pelas circunstâncias ou até por mim.

Alguns dias depois conversei com o companheiro português Fernando Neves (nenhum parentesco com o Roberto das Neves), que morava ele mesmo numa favela (cuja filha Arminda tornou-se militante ativa do Movimento Libertário Estudantil e, anos depois, foi presa e envolvida no processo do Centro de Estudos Professor José Oiticica – CEPJO) e era muito lúcido e sagaz. Ele optou pela verdade da doença e eu pus meu coração em paz.



Soube-se que o Brizola também havia se refugiado no Uruguai e que qualquer resistência seria inútil. O Ideal pediu-me que o ajudasse a esvaziar a sede do CEPJO e, como não tinha carro, levei vários pacotes para a Cinelândia. Já narrei estes acontecimentos num outro artigo<sup>6</sup>.

A repressão se abateu mormente sobre a UNE. Foi assim que Lícia Valladares e eu fundamos a Liga dos Direitos Humanos, como já mencionado em outro artigo<sup>7</sup>. Mas no citado n. 2 consta o texto do documento original (publicado em francês no semanal suíço *Cooperation*, impresso em Bâle dois meses depois).

Até as prisões de 1969 e os processos de 1970-71, as atividades nunca pararam<sup>8</sup>: o funcionamento do CEPJO<sup>9</sup>, a fundação do CIRA-Brasil<sup>10</sup>, o estabelecimento do CBEI (Centro Brasileiro de Estudos Internacionais), a criação do MEL (Movimento Estudantil Libertário)<sup>11</sup>, o curso sobre a História do Anarquismo no Teatro Carioca<sup>12</sup>, a nova localização da Nossa Chácara<sup>13</sup>, a aquisição de Nosso Sítio<sup>14</sup>, as edições da Mundo Livre<sup>15</sup>, as reuniões do Movimento Libertário do Rio de Janeiro<sup>16</sup>. Apesar de informados anteriormente sobre um inquérito em curso contra alguns de nós, seja por Gilberto Ballalai e, mais tarde, pelo genro do Roberto das Neves (que recebera a notícia por formar parte de uma loja maçônica), ninguém quis se esconder e todos fizeram face com dignidade e até com orgulho, o que, sem dúvidas, contribuiu à nossa absolvição nos processos.



## Notas

<sup>1</sup> Publicado no jornal *Arbetaren* de 6 de fevereiro de 1964. Artigo de uma página inteira de Helmut Rüdiger.

<sup>2</sup> Meses depois passei a colaborar com ela profissionalmente.

<sup>3</sup> Teve lugar semanas depois no Hotel Glória, durante uma conferência internacional. Fui apresentado a Carlos Peixoto de Castro, a Gardel e Salomé, Drysdale e Berkowitz, e talvez outros.

<sup>4</sup> Segundo objeter de consciência (eu fui o terceiro) da Itália pós-fascista, nos conhecemos na prisão militar de Gaeta, onde ambos estávamos condenados por ter recusado o serviço militar. Elevoine, depois de várias aventuras, chegou à Suécia, obteve asilo e se formou em arquitetura. Traduziu o texto para o italiano. Anos depois nos revimos na Itália e fui hospedado por ele em Estocolmo. Apesar da distância, sempre nos mantivemos em contato, até hoje, por carta ou telefone. É o amigo mais fiel com o qual sempre pude contar e que sempre me animou e ajudou em várias circunstâncias. [N. E.: objeter de consciência é uma forma utilizada pelos pacifistas e anarquistas para designar aqueles que se recusam a servir o exército e/ou prestar o serviço militar obrigatório].

<sup>5</sup> Até agora não consegui conhecer a verdade. Consultei em vão o Google, onde procurei alguma pista escrevendo o nome dele com todas as variantes possíveis: Wanderley, Wanderley, com ou sem Jorge, com ou sem o “da” na frente de Silva. Há alguns homônimos mas nunca ele.

<sup>6</sup> Ver “Lembranças do Ideal Peres” in *vervedobras*. São Paulo, Nu-Sol, n. 23, 2013.

<sup>7</sup> Ver “A fundação da Liga dos Direitos Humanos no começo da ditadura” in *verve*. São Paulo, n. 21, 2012. Está sem o documento original em francês, como saiu em *Coopération* – Revista Semanal das Cooperativas Suíças, Bâle, 1964. Nunca conferi se foi traduzido também (antes ou depois) para as outras duas edições linguísticas (em alemão e italiano), que nem sempre publicam os mesmos textos. Apenas lembro-me que Lícia e eu redigimos em francês e que eu mesmo despachei na repartição de correio da Praça Serzedelo Correia, quase que certamente no primeiro sábado após o golpe (isto é, no dia 4 de abril de 1964). Acho que mandei manuscrito e de maneira anônima, sabendo que meu interlocutor conhecia minha caligrafia. O destinatário era meu amigo italiano Claudio Cantini que morava em Lausanne. Dez anos depois o revi, mas não me ocorreu lhe perguntar se



havia conservado o original e nem outros pormenores, pois não cogitava então escrever sobre o assunto.

<sup>8</sup> Ver Edgar Rodrigues. *O anarquismo no banco dos réus, 1969–1972*. Rio de Janeiro, VJR-Editores associados, 1993.

<sup>9</sup> Ver “O fechamento do centro de estudos sociais Prof. José Oiticica” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 23, 2013.

<sup>10</sup> Ver “A breve existencia da seção brasileira do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 15, 2009.

<sup>11</sup> Não me atrevo a escrever sobre o Movimento Libertário Estudantil, uma vez que não assisti à sua fundação e não participei de suas atividades. Não fui convidado, apesar de tecnicamente estudante (revalidação de mestrado, antes, e curso de doutoramento, depois), mas os companheiros talvez não soubessem, pois eu já ensinava profissionalmente. Também eles tinham 20 anos e eu já 35.

<sup>12</sup> Ver Pietro Ferrua. “Os arquivistas C.I.R.A. Brasil [2ª parte]” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 16, 2009.

<sup>13</sup> Havia me esquecido de que a Nossa Chácara não era mais no mesmo lugar que eu visitara em 1961 quando vim ao Brasil pela primeira vez. A nova sede situava-se em Mogi das Cruzes.

<sup>14</sup> Não cheguei nunca a passar fins de semana no Nosso Sítio, sendo que nesses dias eu ficava com as crianças devido às atividades teatrais de Diana e, às vezes, de um ou ambos os filhos em teatro infantil.

<sup>15</sup> Estes continuaram publicando livros durante a ditadura. Entre os autores: Kropotkin (“Humanismo libertário e a ciência moderna”), Oiticica, Leuenroth, Edgar Rodrigues (“O retrato da ditadura portuguesa”), etc.

<sup>16</sup> Ver Nu-Sol, 2013, op. cit.



verve

O golpe militar de 1964

*Resumo*

*Relato do dia do golpe civil-militar em 1964 por um anarquista italiano residindo do Brasil. Ressalta as diversas associações anarquistas atuantes na época e a resistência de primeira hora de homens e mulheres infames para a história oficial.*

*Palavras-chave: anarquia, golpe de 1964, ditadura civil-militar, resistências.*

*Abstract*

*An account by a resident Italian anarchist from the day when happened the 1964 military coup in Brazil. The text highlights the various associations among active anarchists and the first resistance moves of men and women taken as infamous people by the official history.*

*Keywords: anarchy, civilian-military dictatorship, resistances.*

***The 1964 military coup, Pietro Ferrua.***

*Recebido em 19 de setembro de 2015. Confirmado para publicação em 19 outubro de 2015.*

